

EGOÍSMO HUMANO SOCIAL

Luís César Alves MOREIRA FILHO¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo pesquisar sobre a sociedade e como ela se comporta, a partir do indivíduo que constrói o seu meio através da interação com pessoas diversas e seus interesses. A característica do homem é viver dentro de um grupo social conflitante, aliás se faz necessário estas relações de poder para ocorrerem transformações, agora se o indivíduo se isola ele perde as características tidas como humanas sem perder o instinto de sobrevivência. Assim o homem se caracteriza de acordo com o meio em que vive. O pensamento deste homem egoísta está presente no Estado de Natureza de Hobbes, aliás foi ele que acabou com a teoria do direito divino dos reis inaugurando outra fase na história do homem, porém não teve embasamento nas áreas científicas atuais. O homem se faz com uma tríade de meio, relação e sobrevivência que caracteriza a nossa história e sociedade através dos conflitos e das histórias de dominação.

Palavras-chave: Egoísmo. Homem. Sociedade.

Da Vida

Os tratados políticos geralmente referem-se ao homem de diversos modos sem perguntar a constituição de sua origem, porém este trabalho através do Estado de Natureza de Hobbes (1997) vem desenvolver por meio das ciências esta filosofia, pois com o desenvolvimento das ciências do século XXI se faz necessário reler este autor com outro prisma. O egoísmo do homem tratado no Leviatã foi relatado com observações bíblicas e históricas, agora o ramo da biologia chamado etologia diz que o homem compartilha cerca de 99,5 por cento de sua história evolutiva com o chimpanzé. Segundo Dawkins (1979), a evolução é um processo de seleção natural como defende a teoria de Darwin não tendo a possibilidade de altruísmos, exceto disfarçados como forma de sobrevivência e estratégia, além de ser uma característica do próprio gene de qualquer ser biológico. Isso significa que não é uma exclusividade do homem, mas a busca pela sobrevivência se dá desde a origem da vida através da seleção natural.

¹ Graduando do 4º ano do curso de Filosofia. Bolsa BAAE, orientado pelo prof. Dr. Antonio Trajano M. Arruda, na UNESP – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Filosofia e Ciências – 17525-900 – Marília – SP.
lcamf@hotmail.com

As observações afetam aspectos da vida social, do amor e ódio, luta e cooperação, doação e roubo, ganância e generosidade por meio da seleção natural que está presente em toda reprodução da espécie. Os genes estão competindo com seus alelos e estes “fundos” de genes concorrem pelas fendas dos cromossomos das gerações futuras, assim aumenta a probabilidade de sobrevivência e sendo esta a base do egoísmo e da ação da vida em sua gênese. A aproximação se dá por semelhanças, pois a primeira forma de seleção é a seleção de formas estáveis e a rejeição das instáveis, o mesmo se dá com os átomos, afinal para que isso ocorra deve se ter uma compatibilidade moldada na evolução através das semelhanças das espécies, deste modo não se pode ter mistérios a respeito disto, pois a estabilidade é algo buscado inclusive pela sociedade. A questão é que não sobrevivem os altruístas estatisticamente, pois para se manterem será necessária a competição ou uma falsa aparência altruística escondendo a causalidade da natureza em seus atos. As dominações de povos, a colonização de culturas e a competição religiosa são exemplos deste falso altruísmo. O homem desenvolveu a consciência e com ela a cultura que organiza a sua vida, porém o gene deve ser considerado indiretamente como constituição do sujeito e sua interação com o meio.

Freud [20-?] abordou através da sua análise antropológica da sociedade que as projeções são uma forma de egoísmo social manifestado primitivamente no animismo, mas também por meio de leis e proibições para frear os maus desejos por meio da onipotência das idéias que são manifestações neuróticas. A cultura animista tenta representar o mundo, além de dar forma ou até dar poder ao homem através da magia tendo a sensação de controlar a natureza em seu benefício. A repressão dos desejos gera angústia que nasce no inconsciente, assim se torna algo desconhecido e inconsciente às razões da consciência moral devido a não aceitação dos maus desejos, deste modo se criam regras sociais e religiosas que são projeções da psique humana manifestadas no remordimento da consciência tabu. Leonardo da Vinci é um exemplo de sublimação de desejos não aceitáveis em sua época devido às proibições totem, sendo esta uma interpretação do Freud. As práticas tabus como as mais antigas fazem parte das neuroses obsessivas que geram temor e inquietude, deste modo são partes do caráter sagrado seja de modo puro ou impuro das proibições que isso emana e a consagração, caso contrário seria algo comum e ordinário não presente nos sacerdotes, chefes e reis favorecendo as autoridades.

A psicologia trata o homem como animal simbólico (animal e simbólico) que permitiu a compreensão das relações de sua capacidade de conhecer, sendo a cultura uma

expressão de um povo simbólico. O indivíduo sem dúvida alguma como sujeito do conhecimento abordado por Chiarottino que através da língua cria seus mitos e costumes um corpo social, pois são os signos que representam o mundo constituído na pessoa, sendo diferenciado radicalmente os povos em sua cultura diferem também na língua como resultado desta representação social, pois o signo da língua é a escrita que expressa cultura, ou seja, os símbolos são como reflexos da sua organização sem tirar a necessidade de sobrevivência: “[...] as línguas começaram a se constituir em uma época em que não existiam nem ciência, nem filosofia, nem moral, nem direito racional; num tempo em que violência e poesia dominavam o homem.” (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 1984, p. 14.)

Quando o sujeito epistêmico disputa privilégios, finge, mente, engana e explora qualquer um com estas práticas será um embusteiro, assim se desenvolvem características psicológicas como inveja, culpa, gratidão, simpatia e outros valores como forma de identificar tais práticas, além de não evidenciar as verdadeiras intenções por meio da bondade. A teoria piagetiana mostra toda uma teoria geral da ação que trata da interação de troca do sujeito com o meio no nível simbólico como um kantismo evolutivo devendo estar presente desde os primórdios da humanidade, mas evidenciado pela Chiarottino no século XX.

Antes da linguagem já existe uma lógica constituída no genoma abordado pela epistemologia genética que remonta para o início da história escrita tal pensamento, sendo a consciência animista uma projeção que amplia as práticas de sobrevivência dentro da causalidade da natureza que ela possui, pois cada espécie tem a sua forma de lutar pela sua vida através de estratégias uma, por exemplo, é a camuflagem, já o homem no raciocinar lógico-matemático vem detectar maliciosamente a trapaça nos outros por meio dos símbolos que interpretam o mundo começado pelo animismo. A seleção natural se dá entre o mais apto em relação ao ambiente dentro da sua própria espécie com sua interação com o mundo, afinal os que não conseguem se adaptar são extintos. O pensar coletivo não é um ato altruísta, mas uma forma de se beneficiar egoisticamente de uma paz social. A capacidade de perceber diz respeito à ação do sujeito a uma forma de agir sobre o mundo, sendo assim a inteligência não contempla, mas é uma forma de transformar através de uma ação global do sujeito epistêmico no mundo.

As origens do conhecimento remontam para o surgimento da escrita que é posterior ao da linguagem, pois os registros que se tem do homem estão escritos por meio de símbolos e signos. Antes da fala existe a ação colocada pela epistemologia genética, sendo assim se faz um

desenvolvimento do homem que passa por um kantismo evolutivo que surge da ação para linguagem e posteriormente para a escrita. A palavra tem uma importância grande para o homem, muito discutida pelos gregos através do Logos e do silogismo aristotélico, posteriormente divinizado pelo cristianismo como Verbo divino. A história demonstra os resquícios que estão presentes até hoje.

Hobbes (1997) reconhece a importância da invenção da imprensa, além do uso da escrita que prolonga a memória dos tempos passados trazida pelos fenícios que influenciaram o mar Mediterrâneo, mas valoriza a história da mais nobre e útil das invenções que foi a linguagem, pois é através dela que se nomeia o pensamento e serve para recordar as consequências das causas e dos efeitos, além da comunicação que está representa, formando a memória do pensamento, por consequência, a cultura e o Estado, afinal, sem comunicação não haveria contrato nem sociedade. Freud [20-?] diz também da importância da linguagem abstrata como modo de o homem perceber o mundo exterior, assim começa a perceber os processos internos dos processos sensoriais de prazer e desprazer. A partir da comunicação o homem começa a se aglutinar e a formar a sociedade, porém não vive de cooperação natural não tendo prazer algum da companhia uns dos outros, pois são relações de poder; o mesmo observa Clastres (1974) em sociedades arcaicas e primitivas dentro de hierarquias. O respeito é o resultado estabelecido por meio do poder através do convívio. Dawkins (1979, p. 141) trata da seguinte forma: “Como nós, humanos, não desejamos voltar à velha maneira egoísta na qual deixássemos os filhos de famílias grandes demais morrerem de fome, abolição a família como unidade de autosuficiência econômica e substituímo-la pelo Estado.”

No desdobramento de tal pensamento Hobbes descreve o medo de manifestações da natureza como poderes invisíveis, sendo que publicamente permitidos se chama religião, quando não é permitido se chama superstição, agora se é de acordo com o que imaginamos se chama de verdadeira religião, pois as crenças têm que oferecer respostas ao que é desconhecido como forma de interpretar o mundo. A cultura determina muito como se deve organizar a família demonstrada pela história, pois em alguns casos famílias grandes garantem o cuidado dos pais, além de roubar e espoliar uns aos outros, o que sempre foi uma ocupação legítima em algumas épocas. Nas sociedades arcaicas o pajé possui poderes políticos e religiosos, além de existirem alianças de famílias para fortalecer os poderes políticos de um grupo. Assim fazem também cidades e reinos que são famílias maiores regidos por leis da natureza, porém todos os homens

são iguais em natureza nas faculdades de corpo e do espírito, quanto à diferença entre um aspecto sobre o outro não é suficientemente considerável para reclamar um benefício que o outro não possa aspirar, já que a desigualdade foi introduzida por leis civis dentro da sociedade.

Os animais por estarem desprovidos da interpretação dos símbolos, memória da ordem, de cultura e da observação em consequência do resultado dos teus atos, deste modo faz surgir uma reflexão humana chamada razão que da consciência vê a dependência das coisas comunicada pela linguagem. A desigualdade é resultado das leis civis, porém a falta de consciência em relação às leis injustas é um fator de poder, seja do mais inteligente contra o alienado, assim todos os homens são iguais já que podem aspirar aos benefícios que o outro possui. Benelli (2006, p.46) trata do seguinte modo: “A genealogia é um diagnóstico que se concentra nas relações de poder, saber e corpo na sociedade moderna [...] O poder não é um privilégio que se pode ter, mas uma rede de relações sempre tensas e ativas, particularmente produtivas.”

Na falta de leis civis não existe o meu e o teu, mas aquilo que cada homem é capaz de conseguir e conservá-lo por meio de alianças sociais, não tendo limites, assim a propriedade como domínio é prática regulada por lei de modo objetivo. Não havendo isso prevalece a condição de guerra de todos contra todos por não haver um poder comum que mantenha todos em respeito, exceto as leis consuetudinárias. As sociedades primitivas estão entre a constituição de um Estado e a luta contra esta criação, pois os chefes possuem o poder de resolver problemas destas sociedades, consequentemente existe um líder que estabelece o convívio não por meio de leis civis e sim da cultura. Deste modo são as paixões que fazem tender para a paz devido ao instinto de sobrevivência, além de não ser nenhum pecado por não existir o conhecimento de uma lei que as proíba, por consequência a justiça se torna a vontade constante de dar a cada um o que é seu. Os poderes invisíveis permitidos publicamente que estão de acordo com a imaginação são chamados de verdadeira religião, sendo esta uma determinação cultural de controle social a partir do simbolismo psicológico de Deus. Antes, no animismo se buscava perceber a divindade na natureza como forma de interpretar o mundo e com o decorrer do tempo se foi conceituando a idéia de Deus.

O pensamento marxista instrumentaliza o Estado observa Clastres (1974), pois o Estado não é conflito econômico de classes, mas de relações de poder presente nos indivíduos que disputam em sociedades arcaicas ou até mesmo dentro de economias de subsistência. Apesar

de não ser objetivo este egoísmo por meio das paixões, mas se faz presente nas lutas e nas alianças tribais de costume. Freud reforça este pensamento:

O animismo é um sistema intelectual [...] que permite conceber o mundo como uma totalidade [...] destes sistemas intelectuais, três grandes concepções do universo: a concepção animista (mitológica), a religiosa e a científica. De todos estes sistemas, é, talvez, o animismo, o mais lógico e completo. Agora bem, esta primeira concepção humana do universo é uma teoria psicológica. (FREUD, [20-?], p. 83, tradução nossa)

A liberdade seria não possuir oposições ou impedimentos externos nos atos humanos na sua natureza, assim pode ser pensada dentro das causalidades da natureza esta liberdade, que para os puritanos seria libertinagem dentro da sua consciência moral, deste modo o livre arbítrio pode ser pensado como liberdade da vontade moral. Existe moral no mundo natural, mas esta é de acordo com o sujeito e suas necessidades. A psicanálise tratou que as neuroses não permitem crer em uma liberdade absoluta por meio das superstições que dominam a sua vida. A guerra de todos contra todos ocorre dentro desta disputa por maior liberdade dentro da onipotência das idéias, já que não existem limites no estado de natureza, porém Benelli (2006) descreve que o poder é substancialmente relação e que são lugares que compõem a sua dinâmica, além de demonstrar este clima de guerra dentro de um seminário religioso entre grupos antagônicos, mesmo dentro destes grupos há facções e disputas que compõem o cenário institucional da religião.

Hobbes (1997) observa esta limitação e a diferenciação social devido a leis civis, no caso do seminário da lei eclesiástica, assim as disputas são para legitimar a sua identidade enquanto indivíduo que possui alguma identificação com um determinado grupo, porém o poder não está nas mãos dos grupos minoritários que estão excluídos desta representação institucional. Dawkins (1979, p. 43) trata da seguinte forma a natureza: “Somos máquinas de sobrevivência, mas “somos” não significa apenas pessoas. Inclui todos os animais, plantas, bactérias e vírus. O número total de máquinas de sobrevivência na terra é muito difícil de contar e mesmo o número total de espécies é desconhecido.”

As relações de natureza são formadas e construídas com o tempo, além do aspecto biológico e institucional existir conflitos, pois surgiram com a ação em relação ao ambiente, deste modo vai desenvolvendo novas situações de organização para se adequar às realidades necessárias para o estabelecimento da vida. Macpherson (1979) colocou que as posições de

Hobbes não são históricas, mas uma lógica deduzida das paixões que deixam lacunas como se antes do pacto o homem não vivesse passado pelo pleno Estado de Natureza. A sua crítica em relação a Hobbes seria uma forma de legitimar um Estado imperfeito soberanamente antes do pacto sem ter passado por um pleno Estado de Natureza. Caso o homem tivesse passado por um pleno Estado de Natureza as guerras teriam matado a espécie humana, as relações do homem são inconscientes, por isso são paixões.

A observação necessária seria que a consciência humana se desenvolve perante a história e o próprio homem desconhece as suas origens antropológicas, afinal na época de Hobbes não existiam as ciências humanas, biológicas e exatas como se encontram hoje perante uma sociedade complexa, já que este autor do século XVI inaugurou o fim dos Estados de Direito Divino dentro de um processo histórico, sendo que hoje se encontra consolidado no ocidente na Carta Magna dos países tal direito de modo imperfeito, pois a influência religiosa se faz presente no mundo inteiro. Deste modo se busca dar fundamentos para um Estado perfeitamente soberano sem interferência externa de grupos religiosos que limitariam a liberdade dos indivíduos em nome de Deus, mas também pela neurose obsessiva dentro da onipotência das idéias que limitaria a vontade moral dos indivíduos, porém Chiarottino (1984, p. 101-102) observa do seguinte modo esta relação entre meio e indivíduo que constrói sua realidade de modo simbólico através da ação representando o mundo:

Essa possibilidade de construção endógena pela solicitação do meio está implícita na teoria de Piaget na medida em que é a teoria da epigênese que orienta toda sua obra. Segundo a teoria da epigênese, não há mutação, nem herança dos caracteres adquiridos. Ou seja, entre as teorias de Darwin e Lamarck, há um *tercium* ou um terceiro caminho segundo o qual trazemos, no genoma, um conjunto de possibilidades que se atualizarão (ou não) conforme as solicitações do meio.

A cultura tem um papel fundamental para mudanças sociais que favoreçam maior tolerância perante as diferenças, pois o egoísmo continuará a existir na sociedade. A opressão de grupos maiores contra grupos menores é um exemplo, a exclusão moral defendida pela religião juntamente com os ataques que esta faz contra a ciência são exemplos de dominação. A sociedade civilizada se organizou deste modo por ser necessário e exigido esta construção por meio de um pacto que institui leis civis para uma convivência entre os homens, apesar de alguns negarem que os indivíduos sejam antissociais e narcisistas através do poder do mais forte ou por

convencimento. Com isso revela que o pensamento faz parte da exclusão de grupos sendo uma realidade competitiva antiga com fundo psicológico por meio do animismo ou temor de Deus. Deste modo muitos condenam enxergar tal fato ou buscam amenizar a sua culpa com o assistencialismo alienante, enquanto no Estado de Natureza não existem limites para o indivíduo, já que as regras são estipuladas pelo indivíduo antes mesmo do animismo.

Já na fase religiosa o homem cede para os deuses à onipotência das idéias, sendo a científica cedida ao homem em sua pequenez no poder da inteligência e das necessidades naturais, assim se conta com as leis da realidade através da teoria científica. Existe uma substituição que sai do universal religioso para o científico, mas a religião não é uma necessidade. A cultura é necessária ao homem simbólico como constituição humana sem alienação religiosa que explora através da caridade.

No Estado Social estabelecem excluídos que são minorias deslegitimadas de sua cultura, identidade e natureza, assim inauguram a exclusão social através das leis civis que toma a cultura do grupo dominante mais forte. O pensamento dominante pode evidenciar a mentalidade da maioria da sociedade legitimando ditaduras cruéis, exceto se a lei como medida de justiça dentro da causalidade da natureza contemple a todos por meio de um “bem estar social”, pois para Hobbes o Estado Social deve estabelecer a paz. Veja que no Estado de Natureza cada um é soberano, já na civilização o povo estabelece um representante como soberano dentro de uma coletividade para tal organização social, assim se constitui uma sociedade no território com identidade que é uma expressão cultural propriamente humana desenvolvida historicamente.

Hobbes (1997) inaugura uma preocupação humana de estabelecer a paz e esta é via pacto, além de separar dinastia da monarquia, sendo um representante político da sociedade e o outro a forma como se organiza esta sociedade. Será conveniente dizer se é por medo ou seria um processo civilizatório, afinal a sobrevivência se dá melhor em grupos por uma vida estável. Os interesses existem dentro da causalidade de cada um que devem lidar com as diversidades do meio, afinal o interesse se encontra até nos atos religiosos cedendo a Deus uma vontade propriamente humana, assim a competitividade não se refere somente à sociedade dos homens. Desta maneira Macpherson (1979) trata das civilizações que são baseadas em costumes, mercado simples e mercado possessivo tendo como característica a competição formando as bases da sociedade moderna.

Atualmente a civilização ocidental está na fase do esclarecimento como competição resultante da sociedade baseada na técnica. A liberdade do homem é limitada pelas exigências da liberdade dos outros que deve ser regulada por leis civis, afinal o pacto é para retirar o estado de guerra que representa a liberdade absoluta. Quem tem a sua liberdade garantida por lei possui a liberdade absoluta dentro das suas referências, o mesmo ocorre com o conceito de Deus sendo este absoluto, entenda por natureza em si, não existe moral para a divindade, mas para a pessoa que o conceitua. A criação do Estado Social não deve eliminar o indivíduo, assim o direito à propriedade é uma forma de manter a soberania do indivíduo perante a sua posse regulada por leis, desta maneira a sociedade se organiza de modo objetivo saindo da fase animista e do direito divino dos reis, mas estabelecendo a humanidade como medida dentro de sua privacidade evitando arbitrariedade.

A consciência humana sabe diferenciar eu e tu, assim diferes dos animais que agem de acordo com o ambiente sem esta distinção entre eu e os objetos de modo reflexivo. A natureza não possui moralidade devido à falta de teorias que justificam a sua existência como ocorre com a consciência dos atos humanos, ou seja, ato de sobreviver sem comparações míticas ou externas que fogem da realidade. Agora a igualdade diante das leis civis justas evita distinguir os indivíduos, assim pela prática da justiça sem tabus se deve evitar excluídos, por consequência a diferenciação de oportunidades deve ser abolida pelo pacto, oferecendo igualdade perante os homens. Caso exista expropriação dos seus direitos emerge o Estado de Natureza para a busca da igualdade, assim se faz necessário o conflito existente nos movimentos sociais, pois a finalidade é a paz ou a busca segundo Dawkins (1979) por uma vida estável.

Dentro dos direitos fundamentais do homem que no animismo e na religião não foram praticados devido à diferenciação entre superstição e o que é tido como verdadeira religião, porém estão sendo abolidos na fase científica ou na futura sociedade do conhecimento. Afinal no animismo e na religião o homem fica preso aos símbolos que representam tabus do passado, veja que a religião dominante considera as crenças menores como superstições, assim se a imaginação estiver de acordo com a maioria que representa o mundo, a crença se torna a detentora de um conhecimento tido como verdadeiro. Já na ciência as teorias não têm como paradigma a imaginação, mas a realidade; deste modo as teorias que resolvem maiores problemas são consideradas como modelos científicos, pois esta trabalha com meta conceitos. Assim para ocorrer um cumprimento dos direitos fundamentais do homem se faz necessário abolir a

representação subjetiva do mundo por meio da crença, por consequência a razão vai eliminando as superstições por outro modelo de interpretação do mundo que tira a exclusão.

A ciência não substitui a cultura como representação simbólica, mas deve melhorá-la justamente como meio de estabelecer a justiça sem preconceitos de etnia, gênero, cor, orientação sexual e identidade, pois a busca por vida estável é para justamente valorizar a vida sendo esta a finalidade do pacto social. O esclarecimento não tira as paixões do homem, mas o deixa tolerante devido à mudança de símbolos. O pensamento hobbesiano busca favorecer a democracia em relação aos períodos anteriores, sendo que hoje se faz necessário uma nova leitura sobre este autor que buscou organizar a sociedade do século XVI.

Referências

BENELLI, S. J. *Pescadores de homens: estudo psicossocial de um seminário católico*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

CLASTRES, P. *La société contre l'État: recherches d'anthropologie politique*. Paris: Éditions de Minuit, 1974.

FREUD, S. *Totem y tabu*. Tradução de: Luis López – Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Editor Santiago Rueda, [20-?].

DAWKINS, R. *O gene egoísta*. Tradução de Geraldo H. M. Florsheim. São Paulo: Edusp, 1979.

HOBBS, T. *Leviatã ou matéria forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Victor Civita, 1997. (Os Pensadores).

MACPHERSON, C. B. *A teoria política do individualismo possessivo de Hobbes até Locke*. Tradução de Nelson Dantas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Z. *Em busca do sentido da obra de Jean Piaget*. São Paulo: Ática, 1984. (Ensaio 107).

Recebido em 07/04/2009

Reformulado em 28/04/2009